Estatística e distribuição do Tracoma no Estado de S. Paulo (*)

Silvio de Almeida Toledo — S. Paulo

Baseados nas asserções de muitos estudiosos, podemos considerar questão pacífica a da irrupção da conjuntivite granulosa, com carater endêmico, no Estado de S. Paulo, no fim do penúltimo e no último decenios do século XIX, tendo tal fato coincidido com a entrada das grandes levas de imigrantes estrangeiros, que, nessa ocasião, demandavam o nosso país (2), (3), (4), (5).

A nosso ver, tendo irrompido, na época supracitada repticiamente se disseminou pelo territorio do Estado, acompanhando a penetração dos imigrantes ao longo das regiões tributarias das grandes vias de penetração e radicando-se, por fim, onde esses elementos alienígenas se encontravam insta
Correia de Melo (9), em 1916, referia-se ao "assustador" incremento que a endemia vinha tomando na zona noroeste do Estado. No momento atual, não será exagerada a estimativa de 500.000 tracomatosos para o Estado de S. Paulo, cifra essa indiscutivelmente alarmante, para uma população de 7.141.901 de habitantes. Não nos será dificil, lançando mão dos dados estatísticos já existentes e dos por nós coligidos, darmos uma idéia do alto grau de incidencia da doença no nosso Estado.

---

(1) *Almeida Toledo, S.*, "Cooperação da Escola Primaria no combate ao tracoma". Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", abril de 1938, 115.

(2) *Gad, P.*, "Congrés International des Sciences médicales", Copenhague, 8.ª sessão, *Anales d'Oculistique*, 1884, p. 109.

(3) *Burnier*, "O tracoma no Brasil, sua origem e difusão". Comunicação à Associação Médica do Instituto Penido Burnier, em 17 de dezembro de 1931, e in "Arquivos do Instituto Penido Burnier" Campinas — Est. de S. Paulo, março de 1932, vol. I .F. 1, 62.

(4) *Vieira, S.*, O tracoma em S. Paulo — Revisão nosográfica e estudo clínico — Trabalho apresentado ao Sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, S. Paulo, setembro de 1907, Tip. Brasil de Rothschild & Co., 1908, 12.

(5) *Florence, A.*, Contribuição ao estudo do tracoma no Estado de S. Paulo, do Trabalho do Primeiro Congresso Brasileiro de Oftalmologia, 1936, vol. II, 703 — 704.

(6) *Pignatari, F.*, "Do estado atual dos nossos conhecimentos sobre o tracoma e de suas condições particulares no Estado de São Paulo", *Imprensa Médica*, 25 de julho ed 1904, 29.

(7) *Vieira, S.*, obra citada (4), 12.

(8) *Vieira, S.*, "Estudo clínico sobre o tracoma — sua profilaxia no Estado de São Paulo". — Tip. Brasil, de Carlos Gerke & Rothschild, 1905, 16.

(9) *Correia de Melo, J. A.*, "Profilaxia da zona noroeste de S. Paulo", *Anais do Primeiro Congresso Médico Paulista*, S. Paulo, 1916, vol. 3, 289.

c) *Serviços hospitalares, postos e clínicas particulares da Capital.*

Através dos dados que se seguem, apresentados pelo Dr. W. Teles Rudge (10), no seu livro "O tracoma e sua profilaxia no Estado de S. Paulo", podemos avaliar a alta porcentagem de tracomatosos que acorreu aos serviços da Santa Casa da Capital, de 1918 a 1922:

Doentes dos olhos, matriculados	6.194
Afetados de tracoma	2.921
Porcentagem de tracomatosos	34.24%

Nacionalidades:

Brasileiros	1.194	56,29%
Italianos	467	22,02%
Espanhóis	305	14,38%
Portugueses	101	4,76%
Japoneses	12	0,57%
Sirios	18	0,85%
Austríacos	14	0,66%
Outros	10	0,47%

Aureliano Fonseca (11), no seu trabalho, o "Tracoma em S. Paulo", apresentado ao Primeiro Congresso Brasileiro de Oftalmologia, realizado nesta capital, síntetizou dados estatísticos a respeito da conjuntivite granulosa:

Serviço da Santa Casa e Faculdade de Medicina (1927-1930) — (J. Brito e A. Fonseca):

Doentes dos olhos matriculados	12.127
Afetados de tracoma	1.942
Porcentagem de tracomatosos	15,92%

Relativamente à frequencia do tracoma, de acordo com a nacionalidade, em 799 estrangeiros, foram encontrados, dentro do mesmo período:

Espanhóis	306	15,72%
Italianos	271	13,95%
Portugueses	82	4,22%
Alemães	26	1,33%
Sirios	25	1,28%
Argentinos	24	1,23%

Estudando em 1942 tracomatosos matriculados no mesmo serviço, entre 1927 e 1930, a frequencia, de acordo com a procedencia, foram encontrados em 603 do Interior, o que se segue:

---

(10) *Teles Rudge, W. T.*, "O tracoma e sua profilaxia no Estado de S. Paulo". Tése de doutoramento, S. Paulo, 1924, 2, 33.

(11) *Fonseca, A.*, "O tracoma em S. Paulo" — Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Oftalmologia — S. Paulo, 1936, vol. II, 716.

Zona Sorocabana	199	33%
" Paulista	107	33%
" Noroeste	96	15%
" Araraquarense	70	13%
" Mojiana	48	7%
" S. Paulo-Goiaz	28	4%
" Douradense	10	1,6%
" Central	7	1,1%

Com referencia ao tracoma na Capital de S. Paulo, de acordo com os dados recebidos em épocas diferentes, A. Fonseca apresenta:

POSTO ANTI-TRACOMATOSO DO BRAZ: 1920-1926 — Paulo de Aguiar e A. Fonseca:

Pacientes matriculados		14.439
Afetados de tracoma	8.908	61,98%
Brasileiros com tracoma ..	1.122	12,48%
Brasileiros, filhos de estrangeiros	3.966	44,51%
Estrangeiros com tracoma	3.820	42,87%

POLICLÍNICA DE S. PAULO — 1930:

Serviço do Dr. Bueno de Miranda 27,00%

FACULDADE DE MEDICINA E SANTA CASA — 1927-1933:

Serviço do Professor J. Brito 14,96%

INSPETORIA MÉDICO-ESCOLAR — 1931:

Serviço do Dr. Danton Malta 6,7%

CLÍNICA DE OLHOS — 1933:

Dr. Aureliano Fonseca 6,2%

Ainda relativamente à Capital, podemos acrescentar a esses dados os da clínica particular do Dr. Pereira Gomes, cujo fichario (65.000 fichas), de 1916 a 1939, acusa uma porcentagem de 2% de tracomatosos, e a relativos ao Serviço da Santa Casa, dirigido pelo mesmo oculista, que em 8.445 fichas de doentes apenas de enfermaria (1929-1939), constatou 2.522 casos de tracoma, numa porcentagem de 29%.

b) *Serviços clínicos do Interior do Estado.*

Sobre a frequencia do tracoma nos serviços clínicos do Interoir do Estado, citam-se as seguintes porcentagens:

RIO PRETO — 1931

J. Rolemberg Sampaio 90%

SÃO CARLOS — 1930

Lira Porto 65%

ARAÇATUBA — 1934

Sebastião Ferreira 37,3%

BOTUCATU' — 1933-34

Paulo Ariani 17,5%

CAMPINAS — 1930-34

Penido Burnier 14,2%

Podemos acrescentar a esses dados os da clínica de Moacir Cunha, da cidade de Lins, computados em 1937 num total de 1.235 tracomatosos, para 3.861 consulentes, equivalendo à porcentagem de 32%, assim como as de Nicolino Machado, que relativamente a Santos, alega que a frequencia do tracoma, em relação às demais doenças oculares, não passa de 0,26% nas clínicas particulares e de 0,18% nas escolas.

i) *Comentarios*

Como se vê, os dados apresentados significam um grande e louvavel esforço de Aureliano Fonseca e Teles Rudge, ilustres oftalmologistas paulistas, no sentido de se estabelecerem dados estatísticos seguros sobre o tracoma. E' interessante a frequencia por nacionalidade, de que foi feita pelo primeiro, uma tentativa de classificação, na ordem decrescente: espanhóis, italianos, portugueses, alemães, sírios e argentinos. E' igualmente interessante a frequencia de acordo com a procedencia, entre 1927 e 1930, para o mesmo número de doentes (ordem decrescente): Sorocabana, Paulsita, Noroeste, Araraquarense, Mogiana, S. Paulo-Goiaz, Douradense, e Central. Embora sejam dados selecionados, dão eles uma amostra parcial da situação do tracoma no Estado, relativamente à maior incidencia nas varias nacionalidades e à procedencia. Dentro deste mesmo criterio, temos elementos para suspeitarmos de que os municipios mais afetados de tracoma no Estado são os seguintes, relativamente à população geral: na Estrada de Ferro Sorocabana (tronco, ramais de Baurú e Salto Grande e Alta Sorocabana): Botucatú, Avaré, Pírajú, São Manuel, Agudos, Santa Cruz do Rio Pardo, Assis, Salto Grande, Ourinhos, Presidente Prudente, Santo Anastacio. Na Estrada de Ferro Noroeste: Baurú, Avaí, Pirajuí, Cafelandia,
Biriguí, Araçatuba. Na Companhia Paulista (tronco e ramais): Rio

Claro, São Carlos, Araras, Pirassununga, Descalvado, Brotas, Dois Córregos. Ribeirão Bonito, Jaú, Piratininga, Duartina, Marilia, Garça, Galia. Na Estrada de Ferro Araraquarense e S. Paulo-Goiaz: Araraquara, Catanduva, Rio Preto. Na Estrada de Ferro Mojiana: Caconde, Mococa, São José do Rio Pardo, Cravinhos, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Orlandia (12). Num serviço organizado, que, entre outras vantagens, apresente a da possibilidade de uma colheita racional de dados, sugerimos, com o fim de se conferir aos trabalhos da natureza citados atrás, a desejada objetividade, que, por exemplo, em relação às nacionalidades dos doentes, sejam os dados originais submetidos a um processo de elaboração diferente do usado para os estudos em questão. Assim, seria mais importante calcular a porcentagem de tracomatosos das varias nacionalidades sobre o total de individuos da mesma nacionalidade que estivessem matriculados nos respectivos serviços de molestias dos olhos, ou residissem, na mesma época, no municipio pesquisado. Por exemplo: a porcentagem de japoneses tracomatosos deveria ser calculada sobre o número total de japoneses matriculados na respectiva clínica de olhos ou sobre o número de japoneses residentes no municipio. Este criterio tornaria comparaveis tabelas de épocas diferentes.

Em relação à procedencia, para que o seu estudo esclareça o fenômeno pesquisado, será preferivel calcular a porcentagem de doentes em cada uma das zonas referidas, relacionando-a com o número de habitantes da zona. Poder-se-ia tambem ligá-la com nacionalidades
o criterio já apontado, para emprestar a este importante fator o valor que de fato apresenta. Quanto aos dados dos serviços da Capital e do Interior, conforme judiciosamente acentua A. Fonesca (13), torna-se dificil chegarmos a conclusões, mesmo provisorias, porque alem de se referirem a anos diferentes, são dados selecionados a clínicas varias, colhidos com criterios estatísticos diversos.

c) *O tracoma na escola primaria*

Varios têm sido os inquéritos levados a efeitos nas escolas primarias do Estado de S. Paulo, isoladamente, por numerosos pesquisadores. Em estabelecimentos visitados na Capital, durante o primeiro semestre de 1933 (14), Jaques Tupinambá, em 14.448 alunos examinados, encontrou 148 com tracoma e 54 suspeitos, ou seja 1,30% e M. Toledo Passos, em 10.582 alunos examinados, encontrou 72 tracomatosos ou seja 0,67%,

---

(12) *Álvaro, M. e Rezende, C.*, "Distribuição geográfica e etiológica do tracoma no Brasil". Separta dos Arquivos de Clínica Oftalmologica e Oto-Rino-Laringológica. — Ano IV — 1937, 23.

(13) *Fonseca A.*, obra citada (11), 718-719.

(14) *Almeida Junior, A.*, "Qual a maneira mais prática de organizar a assistencia às crianças, na idade escolar?" — S. Paulo, na Conferencia Nacional de Proteção à Infancia — Setembro de 1933, Imprensa Oficial do Estado — S. Paulo — 1934, 538.

e Danton Malta, conforme já referimos atrás, nesse mesmo sector, entre 1918-1935, constatou a porcentagem de 6,7%. Relativamente ao interior do Estado, desejando trazer uma contribuição que, sobre ser recente, contivesse dados que permitissem uma visão de conjunto da situação do tracoma na escola primaria paulista, conseguimos, graças à gentileza do ilustre sanitarista Dr. Humberto Pascale, atual Diretor do Departamento de Saude do Estado, dados colhidos pela antiga Inspetoria Geral do Interior do Estado, referentes aos anos de 1936 e 1937.

I) *Lugares de incidencia* — Embora os dados correspondentes aos de 1936 e 1937 não se refiram à totalidade dos alunos das escolas dos municipios citados e sim à população escolar de certas escolas visitadas, sem criterio estatístico pre-estabelecido, podemos articular algumas sugestões, relativamente à incidencia do tracoma. Os dados não são mais completos pela deficiencia de que se ressentia o antigo aparelhamento de combate à afecção em nosso Estado, cujos 10 médicos e 18 enfermeiros tracomistas, faltos de recursos materiais, não puderam alcançar grandes resultados, apesar da sua competencia e dedicação. Acreditamos, contudo, que a Secção do Tracoma do Departamento de Saude, ora criada sob tão bons auspicios pelo digno Interventor Paulista, Sr. Ademar Pereira de Barros, e entregue à proficiente direção de Aristides Rabelo que lhe imprimiu salutar orientação, pelo muito que já realizou em oito meses de franca atividade, em prol da profilaxia do tracoma no Estado, e pelo programa em cuja execução prossegue, — o que já lhe confere foros de instituição modelar, dentro em breve constituirá uma organização — padrão no gênero, para todo o país e para o proprio continente. Aos que indagarem porque os inquéritos aquí referidos dizem respeito apenas à zona norte e oeste do nosso Estado, responderemos com os proprios dados estatísticos, mediante os quais é facil concluir que o tracoma é endêmico nesses sectores, parecendo não existir na zona este da Estrada de Ferro Central e mostrando-se raro na zona do litoral (15). Relativamente à idade dos escolares examinados, diremos que a idade escolar legal — inicio e terminação — se encontra dentro de limites variaveis nos diversos países do mundo, assim como nos varios Estados brasileiros. O nosso Estado (com os do Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte), adota os limites de 8 a 14, incluindo seis grupos etarios nas malhas da escolaridade obrigatoria: — Art. 227 — São obrigados à frequencia escolar todas as crianças de oito a catorze anos'' (Código de Educação). A lei, por outro lado, permite a matrícula de crianças de 7 anos e proibe a das que tenham completado 14: — "Art. 241 — Não serão matriculadas as crianças: *a*) de idade inferior a sete anos completos
Cumpre-nos aduzir que, no nosso Estado, a duração do curso primario é apenas de quatro anos (zona urbana) ou três anos (zona rural). Com isto queremos esclarecer

(15) Ver referencias feita aos dados de Nicolino Machado, de Santos, e citados neste trabalho.

sobre que versam as nossas estatísticas estão distribuidos. em media (embora sem rigorosa uniformidade), entre 7 e 13 anos de idade, conforme a composição normal das nossas populações escolares. Em face dos dados referentes ao ano de 1936 e baseados nas porcentagens encontradas, levamos a efeito uma tentativa de classificação das cidades, cuja população escolar foi parcialmente examinada.

Assim, temos:

a') *Populações escolares com porcentagem acima de 50%:*

Matão	50, 2%

b') *Populações escolares com porcentagem de 40% a 50%:*

Lussanvira	47 %
Jaú	43,54%

c') *Populações escolares com porcentagem de 30% a 40%:*

Araraquara	35, 5%
Taquaritinga	32,44%
Bocaina	31,30%
Ribeirão Preto	31.30%

ç') *Populações escolares com porcentagem de 20% a 30%:*

Bica de Pedra	29,12%
Barra Bonita	26,12%
Mirasol	25 %
Cafelandia	24,50%
Catanduva	22,60%
Valparaiso	21,42%
Álvares Machado	21.31%
Getulina	21 %

ch') *Populações escolares com porcentagem de 10% a 20%:*

Presiednte Prudente	13,45%
Lins	13,40%
Presidente Venceslau	13.18%
Botucatú	10,09%

d') *Populações escolares com porcentagem de 0% a 10%:*

Santo Anastacio	7,75%
Olimpia	6, 7%
Baurú	6,53%
Quatá	5,51%
Regente Feijó	5.44%
Araçatuba	5,41%
Rancharia	5,33%
Sorocaba	5, 1%

Pelos dados apresentados, verificamos que a maior porcentagem de tracomatosos deve estar nas zonas norte e oeste do Estado, em contraste com a zona este, onde, segundo dados que nos foram fornecidos pela Inspetoria Geral do Interior, existe uma larga extensão, pertencente à Delegacia de Saude de Guaratinguetá, em que, de 13 anos a esta parte, inclusive o de 1937, não foram observados, pelas autoridades sanitarias, casos de tracoma. Estão compreendidos nesta faixa os municipios de: Sta. Isabel, Mojí das Cruzes, S. José dos Campos, Jacareí, Guararema, Salesopólis, Sta. Branca, Paraibuna, Jambeiro, Caçapava, Natividade, Redenção, Taubaté, Tremembé, Pindamonhangaba, S. Bento, S. Luiz do Praitinga, Cunha, Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Cachoeira, Silveiras, Queluz, Areias, S. José do Barreiro e Bananal.

A propósito desta nossa constatação diremos que Gama Rodrigues, exercendo oculística há mais de 30 anos no municipio de Lorena, só observou 10 casos de tracoma, no decorrer deste longo prazo.

II) *Zonas urbana e rural*: — Si examinarmos os dados colhidos no ano de 1937, relativos às zonas urbana e rural, veremos, de acordo com o gráfico circular incluso, que nos municipios de Catanduva, Jaú, Ribeirão Preto, Araçatuba, Lins e Araraquara, a porcentagem de escolares tracomatosos da zona rural é maior do que a encontrada na zona urbana

Tomemos conhecimento dos dados:

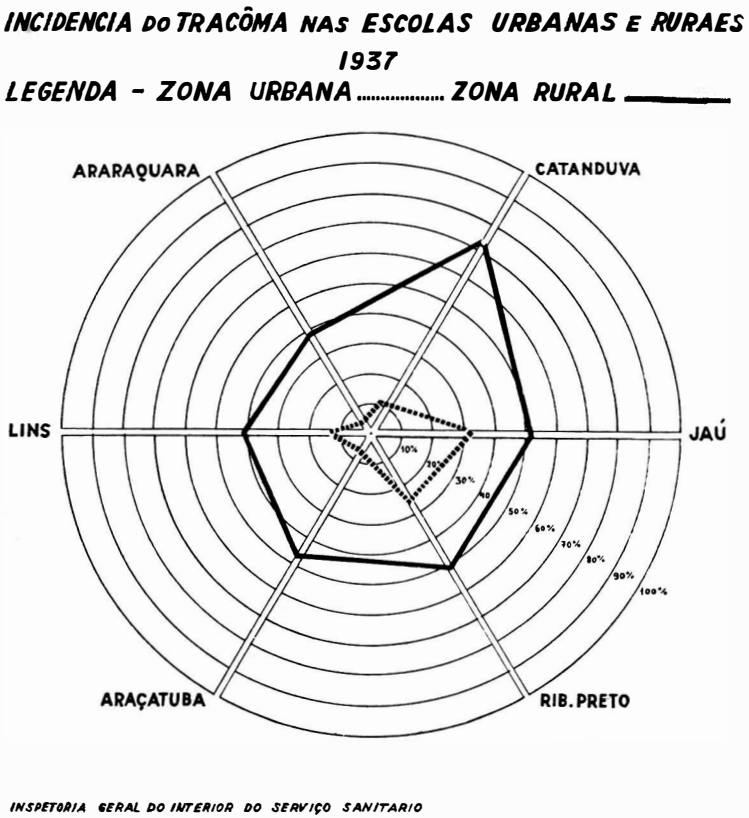
O TRACOMA NAS ZONAS URBANA E RURAL — 1937:

ZONA URBANA				ZONA RURAL		
Catanduva	813	87	10,7 %	200	142	71%
Jaú	375	114	30,40%	709	358	50,49%
Ribeirão Preto . .	2703	662	24, 5%	948	474	50%
Araçatuba	683	37	5,41%	169	72	46%
Lins	1069	127	11,88%	57	23	40%
Araraquara . . .	400	15	3,75%	1162	439	37,77%

Chamamos a atenção do leitor para as altas porcentagens das zonas rurais de Catanduva, Jaú e Ribeirão Preto. Embora os dados sejam parciais, estamos propensos a supor que idêntica distribuição do fenomeno para as zonas urbana e rural é comum nas partes do Estado em que o tracoma é endêmico. Por outro lado, é observação corrente que o tracoma está muito ligado às classes de nivel cultural relativamente baixo.

Examinando mais detidamente o municipio de Ribeirão Preto, identificamos em seus detalhes o fenômeno apontado, assim como avaliamos a gravidade da situação, no que respeita à disseminação da molestia na população escolar primaria. Assim é que, nesse municipio, um dos mais ricos do Estado, pelos dados colhidos pelo Dr. Ataliba Amaral Peixoto, em meticulosos exames, constatamos a existencia de escolas, com altissi-

ma e assustadora porcentagem de tracomatosos, superior à encontrada por Mac Callan e Talbot, respectivamente em escolas do Egíto e da Tunisia.



Eis os dados a que nos referimos:

PORCENTAGEM DE TRACOMATOSOS NAS ESCOLAS DO MUNICIPIO DE RIBEIRÃO PRETO — 1936

Zona Urbana:

1.ª Mista do Jaques	56,5%
2.ª Mista do Jaques	50, %
6.º Grupo Escolar	40,4%
Mista do Barracão	40,4%
Mista dos Campos Eliseos	43,2%

Mista do Tanquinho	32,5%
Mista Municipal do Tanquinho	28,5%
5.º Grupo Escolar	23, %
1.ª Mista Amiga dos Pobres	21, %
4.º Grupo Escolar	20, %
2.ª Mista Amiga dos Pobres	19,4%
3.º Grupo Escolar	16,3%
2.ª Mista da Biblioteca dos Pobres	14,8%
1.ª Mista da Biblioteca dos Pobres	12,5%
1.º Grupo Escolar	9,4%
7.º Grupo Escolar	9,3%
2.º Grupo Escolar	8,7%
3.ª Mista da Biblioteca dos Pobres	4,3%

Zona Rural:

Mista da Fazenda Antonina	84, %
Mista da Fazenda S. Sebastião	80, %
Mista da Fazenda Santa Teresa	77,2%
2.ª Mista da Fazenda Boa Vista	72,7%
Mista da Fazenda Conquista	72,4%
Mista da Fazenda Arindiuva	72, %
Mista da Fazenda Perobas	72, %
Mista da Fazenda Santana	71,4%
1.ª Mista da Fazenda Sta. Rita	70,2%
2.ª Mista da Fazenda S. José	66,6%
Mista da Fazenda Olhos d'Aqua	65,5%
Mista da Fazenda Albertina	65,3%
Mista da Fazenda Sto. Antonio do Val	64,7%
2.ª Mista da Fazenda Guatapará	63,6%
Mista da Fazenda Pau d'Alho	63,3%
1.ª Mista da Fazenda Guatapará	62,5%
Mista da Fazenda Santa Lidia	62,5%
1.ª Mista da Fazenda Boa Vista	60, %
Grupo Escolar ruarl da Fazenda Dumont	59,1%
Mista da Fazenda Aparecida	58,8%
Mista do Bairro Bela Aurora	57,1%
Mista da Fazenda Brejo Grande	56, %
Mista da Vila Japão	55,1%
Mista da Fazenda Restinga	54,1%

Mista da Fazenda Iracema	54, %
Mista da Fazenda S. Pedro	51,8%
Mista da Fazenda S. Luiz	51,7%
Mista da Fazenda Santo Antonio	51,4%
Mista da Fazenda Capão da Cruz	50, %
Mista da Fazenda Santia Iria	50, %
Mista da Fazenda Santa Luiza	50, %
2.ª Mista da Fazenda Santa Rita	50, %
Mista da Fazenda S. Bento	50, %
Mista da Fazenda S. Manuel	50, %
Mista da Fazenda Santa Luiza	47, %
Mista da Fazenda São Felix	45,4%
Mista da Fazenda do Morro do Cipó	45,1%
1.ª Mista da Fazenda S. Luiz do Baixadão	45,1%
Grupo Escolar de Vila Bonfim	44,4%
Mista da Fazenda Fundão	42,8%
Mista da Fazenda Guanabara	41,9%
Mista da Fazenda Pirajú	41,9%
Mista da Fazenda Campo das Cruzes	39,2%
Mista da Fazenda do Morro do Cipó	37,9%
Mista da Fazenda Monte Alegre	37,9%
Mista da Fazenda Figueira	37,5%
Mista da Fazenda Santa Adelaide	37,5%
Mista da Fazenda Morro da Vitoria	36, %
Mista do Cateto	35,4%
Mista da Fazenda Brejinho	34,6%
Mista do Bairro das Palmeiras	30, %
Mista da Fazenda Santa Amelia	28,5%
Mista da Fazenda Baixadão	28,5%
Mista da Fazenda Jatobá	28,5%
Mista da Fazenda Promissão	10, %

Para efeito de comparação, tomando dados relativos a países onde o tracoma está fortemente disseminado, consideraremos que, em 1907, Mac Callan, (16) na Escola de Tanta, no Egíto, encontrou 62% de tra-

(16) *Mac Callan, A. F.*, Tracoma, London, Butterworth & C.º Ltd., 1936, 8, 179.

comatosos, porcentagem essa que diminuiu em 1934-1935 para 41% no inicio, e 20% no fim do ano letivo, e que Talbot, em escolas da Tunísia, no ano de 1930, verificou índice de infestação igual a 70%, reduzido em 1934 para 17,5%. No municipio de Ribeirão Preto, em 1936, as porcentagens de alunos tracomatosos, como vimos, iam mais alto:

Escola Mista da Fazenda Antonina	84, %
Escola Mista da Fazenda S. Sebastião	80, %
Escola Mista da Fazenda Pau d'Alho	80, %
Escola Mista da Fazenda Santa Teresa	77,2%
2.ª Escola Mista da Fazenda Boa Vista	72,7%
Escola Mista da Fazenda Arindiuva	72, %

III) *Comentarios*: — Em face do exposto, podemos por em destaque o seguinte:

a') Na Capital, J. Tupinambá, M. Toledo Passos e Danton Malta encontraram em estabelecimentos de ensino primario visitados, respectivamente, 1,39%, 0,67% e 6,7% de tracomatosos;

b') O tracoma no interior do Estado de S. Paulo parece estar mais disseminado nas zonas norte e oeste, em focos distribuidos sem uniformidade, como na Argentina. Não foram observados casos dessa doença, para quaisquer idades, na zona este, de 13 anos a esta parte. Nas duas primeiras zonas, é possivel distinguirmos municipios com populações escolares apresentando porcentagens medias, variando entre 5,1% e 50,2%;

c') O tracoma no nosso Estado, nas zonas estudadas, parece ser mais frequente na rural, do que na urbana, conforme se depreende da verificação feita em populações escolares de varios municipios e destacadamente no de Ribeirão Preto;

ç') O tracoma na população escolar da zona rural dos municipios de Catanduva, Jaú e Ribeirão Preto, alcança uma gravidade digna de nota;

ch') Mediante dados parciais que não podemos generalizar para todo o Estado, relativos a 6.443 escolares tracomatosos do municipio de Ribeirão Preto, examinados em 1936, verificamos a seguinte incidencia do tracoma:

— em amarelos (22 tr. em 56)	37,93%
— em brancos (1.610 tr. em 5.697)	28,26%
— em pretos (89 tr. em 688)	12,92%